

Mães adotivas e genéticas: habilidades, insegurança e apoio percebido

Anna Beatriz Carnielli Howat-Rodrigues

Rosana Suemi Tokumaru

Thalita Novaes de Amorim

*Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, ES, Brasil*

RESUMO

Mães genéticas (50) e adotivas (36) foram comparadas quanto à expressão de habilidades sociais educativas (HSE) e de sentimentos de insegurança. Buscaram-se correlações entre estas e o apoio do pai, da família extensa e de não parentes. Não houve diferença entre mães adotivas e genéticas nas HSE, mas houve diferença no sentimento de insegurança. Considerando as mães em conjunto, houve diferença significativa entre as HSE sendo relatada menor habilidade em “Estabelecer limites” e “Lidar com críticas” e maior habilidade em “Responder a Elogios”. Houve correlação positiva entre algumas HSE e o apoio do pai e da família extensa materna. Concluímos que a condição da adoção não apresenta influência sobre a expressão das HSE maternas, contudo, o apoio recebido parece influenciar positivamente a expressão de algumas delas. A condição de adoção parece ser acompanhada de maior sentimento de insegurança.

Palavras-chave: Habilidades sociais educativas; apoio percebido; adoção.

ABSTRACT

Adoptive and genetic mothers: ability, insecurity feelings and perceived support

The expression of educational social abilities (ESA) and insecurity feelings of genetic (50) and adoptive (36) mothers were compared. Correlations between these factors and support from the father, the extensive family and unrelated people were investigated. No differences were found between adoptive and genetic mothers in ESA, but there was a difference in the insecurity feelings. Considering the mothers together, there was significant difference among the expression of the ESA, mothers reported less ability in “Establishing limits” and in “Working with critics” and more ability in “Answering to Praises”. There was a positive correlation among some ESA and support from the father and from the maternal extensive family. We concluded that the adoption condition does not present influence on the expression of maternal ESA, however, the perceived support seems to positively influence their expression. The adoption condition seems to be accompanied by more insecurity feelings than the genetic motherhood condition.

Keywords: Educational social abilities; noticed support; adoption.

RESUMEN

Las madres adoptivas y genética: La habilidad, la inseguridad y el apoyo percibido

Madres genéticas (50) y adoptivas (36) fueron evaluadas en relación a la expresión de las habilidades sociales educativas (HSE) y los sentimientos de inseguridad. Se intentó verificar correlaciones entre las HSE, los sentimientos de inseguridad y el apoyo del padre, de la familia extendida y de no parientes. No hubo distinciones entre las madres genéticas y adoptivas en las HSE, pero hubo diferencia en la percepción de inseguridad. Mirando las madres, en su conjunto, hubo una diferencia significativa entre las HSE con menos relato de las habilidades de “establecer límites” y “tratar con las críticas” y mayor relato de la habilidad “contestar los elogios”. Hubo correlación positiva entre algunas HSE, el apoyo del padre y de la familia materna. Se concluye que la condición de la adopción no influencia en la expresión de HSE materna, no obstante, recibir apoyo influi positivamente en la expresión de algunas HSE. La condición de adopción parece ser acompañada por una sensación creciente de inseguridad.

Palabras clave: Habilidades sociales educativas; apoyo percibido; adopción.

INTRODUÇÃO

O termo *habilidades sociais* (HS) é geralmente usado para designar um conjunto de capacidades comportamentais que são aprendidas e, necessariamente, envolvem interação social, apesar de haver uma carência de definição universalmente aceita (Caballo, 1995, 2003). Para Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P. (2001) as HS formam um conjunto de classes e subclasses comportamentais das quais o indivíduo se utiliza para responder aos contextos em que se insere, apresentando, portanto, particularidades de acordo com estes contextos (Caballo, 2003).

Segundo Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P. (2005) as HS auxiliam na promoção de um comportamento socialmente competente ou habilidoso. A competência social refere-se à capacidade de expressar pensamentos, sentimentos e ações respeitando a si próprio e aos outros (Caballo, 2003; Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P., 2005). Os resultados do trabalho de Vaughn e Haager (1994) dão suporte à relação estabelecida acima entre HS e competência social. Os autores mostraram que estudantes que apresentavam dificuldades de aprendizagem também mostraram problemas de socialização e menor habilidade social que estudantes sem problemas de aprendizagem.

Caballo (2003) considera que a infância é um período propício para a aprendizagem de HS e apresenta resultados de pesquisas que demonstram a relação entre desenvolvimento das HS, da competência social, do temperamento e da expressividade das crianças. Cita também resultados que relacionam a aquisição e o aperfeiçoamento das HS a partir de modelação do comportamento socialmente habilidoso e de condutas sociais por reforço e punição e a prática desses comportamentos no meio social.

Outros estudos (Bolsoni-Silva, 2000; Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P., 2005; Bolsoni-Silva, Marturano, Pereira e Manfrinato, 2006) apontam ainda que as habilidades sociais na infância auxiliam no desenvolvimento saudável da criança além de prevenir problemas de comportamento, pois possibilitam uma interação de maior qualidade com os outros, aumentando, assim, a chance de reforço.

De acordo com Pinheiro, Haase, Del Prette, A., Amarante e Del Prette, Z. A. P. (2006), determinados contextos familiares podem desfavorecer a aprendizagem infantil e o desenvolvimento de habilidades pró-sociais. Estes autores constataram, em um programa de intervenção desenvolvido com pais/cuidadores, que os mesmos tinham muitas dúvidas sobre a forma de educar suas crianças e costumavam adotar uma postura coercitiva em relação às respostas inadequadas das crianças por entenderem que se o castigo (físico) não

viesses, eles estariam sendo omissos ou permissivos. Todavia, de acordo com as investigações teórico-práticas de Bolsoni-Silva e Marturano (2002) sobre o treinamento de habilidades sociais, à medida que os pais mostram-se socialmente habilidosos, diminuindo as emissões de comportamentos agressivos ou não-assertivos, promovem comportamentos adequados em seus filhos e, conseqüentemente, contribuem para a promoção da competência social dos mesmos.

Famílias que adotam posturas coercitivas com disciplina inconsistente, na qual ora são punitivos e ora são permissivos, podem acabar auxiliando no desenvolvimento de um comportamento antissocial de suas crianças à medida que promovem o reforço e servem como modelo de comportamentos agressivos e não adequados ao contexto (Bolsoni-Silva e Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva, Del Prette e Oishi, 2003; Dessen e Szelbracikowski, 2004; Pinheiro et al., 2006). Além de atitudes coercitivas, os pais podem assumir atitudes afetivas na interação com seus filhos, como dar carinho, mostrar-se orgulhoso, comunicar-se com frequência, entre outros. Tais atitudes auxiliam na aprendizagem e expressão de comportamentos pró-sociais por parte da criança ao longo do seu desenvolvimento, o que reflete em seus relacionamentos futuros e no autoconceito positivo de si (Bolsoni-Silva e Marturano, 2002; Cia, Pereira, Del Prette, Z. A. P. e Del Prette, A., 2006).

Os resultados de Dessen e Szelbracikowski (2004), por exemplo, mostraram que as famílias de crianças pré-escolares com problemas de comportamento exteriorizado que se utilizavam mais do diálogo para corrigir a criança tinham menos chance de estimular a criança para a agressividade do que as famílias que se utilizavam da punição física e verbal.

Bolsoni-Silva (2000), em seu estudo do repertório comportamental de pais/cuidadores e habilidades sociais educativas (HSE) de crianças de até 6 anos de idade, a partir de resposta a um questionário e a um roteiro de entrevista, aponta que pais socialmente habilidosos procuram estabelecer limites a partir de práticas educativas positivas, por exemplo, expressar sentimentos, receber críticas, etc., entretanto, pais que apresentam dificuldades interpessoais, tendem a ignorar ou responder de forma inapropriada aos comportamentos sociais que emergem. Conseqüentemente, é possível que a criança aprenda que, para viver no contexto aversivo no qual está inserida, precisa utilizar-se de comportamentos coercitivos, que acabam por ser diretamente reforçados. Além disso, essas crianças tendem a generalizar os estímulos discriminativos acabando por levar para outros contextos, como por exemplo, para a escola, comportamentos antissociais.

Nos trabalhos acima citados, os autores que trabalharam com treinamento de habilidades sociais

para pais/cuidadores (Bolsoni-Silva e Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva et al., 2003; Pinheiro et al., 2006) constataram que eles têm dificuldades em pedir desculpas e que, possivelmente, tenham mais facilidade para avaliarem seus filhos do que para se auto-avaliarem. Além disso, sugerem a importância de instrumentar pais/cuidadores e professores para que aprendam a emitir mais práticas que modelem adequadamente comportamentos habilidosos de seus filhos.

Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P. (2001) utilizam o termo habilidades sociais educativas (HSE) para as práticas que têm o objetivo de contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem do outro. Bolsoni-Silva (2000) define o termo como sendo um conjunto de HS dos pais visando à educação de seus filhos. Dentre as HSE, a autora identifica algumas como sendo fundamentais na relação pais-filho: (a) HSE de dialogar (iniciar e manter conversação com os filhos, adequar a própria fala à compreensão do filho); (b) HSE de expressar sentimentos de agrado e desagrado; (c) HSE de expressar opiniões e solicitar mudança de comportamento; (d) HSE de cumprir promessas; (e) HSE de entendimento do casal quanto à educação do filho e à participação de ambos os progenitores na divisão das tarefas educativas; (f) HSE de “dizer não”, “negociar” e “estabelecer regras”; (g) HSE de expressar sentimentos de amor e afeto; (h) HSE de “desculpar-se”; (i) HSE de lidar com críticas recebidas pelo(s) filho(s); e (j) HSE de respeitar opiniões e direitos do(s) filho(s). Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) propõe que o estudo das HSE pode levar à melhora na qualidade da relação pais-filhos permitindo a detecção daqueles comportamentos dos pais que favorecem os comportamentos inadequados dos filhos.

Bolsoni-Silva (2000) e Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), investigando as HSE de pais e filhos a partir da avaliação de pais de crianças com e sem indicação de problema de comportamento, encontraram diferenças entre os relacionamentos mãe-filho e pai-filho, obtendo maior frequência dos comportamentos de conversar, expressar sentimentos e opiniões, colocar limites e elogiar comportamentos adequados, por parte das mães. Contudo, quando questionadas sobre as estratégias utilizadas para colocar limites para os filhos, houve grande número de relatos sobre estratégias coercitivas, apesar de tentarem primeiramente conversar/pedir mudança no comportamento da criança.

Os dados de Cia et al. (2006), que compararam HS com o envolvimento do pai e da mãe na educação dos filhos, permitiram a interpretação de que as mães se percebiam mais frequentemente desafiadas pelos filhos, considerando-se mais responsáveis pelo

cumprimento de regras e limites, além disso, quanto maior foi o repertório de HS dos pais, mais favorecida foi a comunicação, a participação nos cuidados e nas atividades dos filhos.

Percebe-se na literatura que os estudos sobre HSE estão concentrados nas relações entre pais e filhos genéticos. Não encontramos estudos das HSE de mães adotivas. Gibson (2004) aponta que, de forma geral, os estudos com famílias adotivas têm aumentado apenas nos últimos anos, apesar das particularidades desta estrutura familiar. Estas pesquisas têm envolvido diferentes questões: crenças sobre a adoção (Weber, 1996; Mello e Dias, 2003), a percepção do processo de adoção por requerentes e famílias adotivas (Weber e Cornélio, 1995; Weber, 1997; Costa e Campos, 2003; Campos e Costa, 2004), a emocionalidade dos pais adotivos (Ebrahim, 2001; Bird, Peterson e Miller, 2002), a motivação para adotar (Ebrahim, 2001; Levy e Féres-Carneiro, 2002; Rangel, 2007), a percepção dos pais adotivos da presença de suporte social (Kindle e Erich, 2005) e o investimento financeiro e de cuidados nos filhos (Gibson, 2004). Em relação ao campo das HS, ganha destaque a dissertação de Reppold (2001) com adolescentes adotados. Tendo como objetivo compreender e investigar as relações existentes entre o ajustamento psicológico, o estilo parental percebido e a condição de ser filho adotivo, a autora discute que a efetividade da assistência instrumental fornecida pelos pais (conselhos, informações, etc) pode exercer influência na qualificação das HS dos adolescentes na medida em que fornece para os mesmos modelo de comportamento e *feedback* sobre expectativas sociais. Quanto aos estilos parentais, Reppold (2001) reporta a influência da condição de afiliação adotiva. Seus dados apontam que pais adotivos foram mais citados por seus filhos como tendo estilo indulgente, enquanto pais genéticos, estilo negligente. Ou seja, pais adotivos foram citados como tendo alto nível de responsividade e baixo nível de exigência para com seus filhos, foram descritos como sendo tolerantes e afetivos, com dificuldades de impor limites e raramente fazendo exigência aos filhos. Já os pais biológicos foram representados como sendo pouco exigentes e com pouca assistência emocional para com seus filhos. A autora discute, entre outros aspectos, que a alta responsividade dos pais adotivos pode ser uma forma de compensar os filhos pela vida pregressa de abandono, perdas, etc. (Reppold, 2001). Propõe ainda que a associação da indulgência com a insegurança parental pode estar relacionada a uma forte valorização social da cultura dos laços de sangue e que estas características podem impedir os pais adotivos de assumirem suas funções parentais por não se sentirem legitimados para tal (Reppold, 2001; Reppold e Hutz, 2002).

OBJETIVO

Os objetivos deste estudo foram: 1) comparar mães genéticas e adotivas quanto as suas expressões de HSE e de sentimentos de insegurança quanto à educação dos filhos 2) verificar relações entre as HSE e o sentimento de insegurança materno e a percepção que as mães têm do apoio do pai, da família extensa e de não parentes no oferecimento de cuidado à criança.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 36 mães adotivas e 50 mães genéticas de crianças entre 0 a 12 anos, residentes em municípios do estado do Espírito Santo. As mães participantes foram indicadas, a princípio, por pessoas conhecidas das pesquisadoras. Com o desenvolvimento da pesquisa, as próprias mães participantes também indicaram outras mães. Após o contato inicial, por telefone ou pessoalmente e da concordância das mães em participar, as pesquisadoras agendavam uma entrevista nos horários e locais indicados pela participante. Antes de iniciar o procedimento de coleta de dados as participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

As 36 mães adotivas participantes desta pesquisa não apresentaram parentesco com seus filhos adotivos. Gibson (2004) aponta que pode haver diferenças no investimento parental que pais adotivos despendem nos filhos em função do grau de parentesco entre eles. Para controlar esta variável analisamos apenas os dados obtidos a partir de mães genéticas e mães adotivas não aparentadas.

Instrumentos

As mães responderam um questionário com questões fechadas referindo-se: 1) ao perfil da criança e dos pais (dados sociodemográficos); 2) às HSE maternas e ao sentimento de insegurança quanto à educação dos filhos. Foram formuladas 28 questões sobre as HSE, divididas em 5 categorias: “expressar agrado e desagrado”, “responder a elogios”, “lidar com críticas”, “estabelecer limites” e “dialogar”. As 9 questões relacionadas à insegurança quanto à educação dos filhos foram divididas em 2 categorias: “insegurança diante dos filhos” e “insegurança diante dos outros”. As respostas eram dadas em uma escala Likert sobre a frequência do comportamento (0=nunca a 5=sempre); 3) aos cuidados fornecidos às crianças. As mães responderam a 24 questões sobre os cuidados fornecidos à criança, nas quais a mãe apontava quem, dentre 26 potenciais cuidadores, participava em cada cuidado e o quanto participava (escala Likert, 1=pouco a 7=sempre).

Análise dos dados

As mães adotivas e genéticas foram comparadas usando-se o teste do Qui-quadrado quanto: a faixas de renda, à coabitação com parentes, à participação de babá nos cuidados da criança e o apoio percebido pelas mães. Usou-se o teste de Mann-Whitney para comparar mães adotivas e genéticas quanto: à idade das mães, das crianças, às HSE e à insegurança materna. O desempenho nas HSE de mães adotivas e genéticas em conjunto foi comparado usando-se o teste de Friedman e o desempenho em cada par de HSE e entre as categorias de insegurança foram comparados usando-se o teste de Wilcoxon. Para a comparação entre os pares de HSE, usou-se a correção de Bonferroni para o alfa considerado como estatisticamente significativo. Utilizou-se o programa SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences) para as análises.

RESULTADOS

Perfil dos participantes

Foram entrevistadas mães adotivas de 19 meninos e 17 meninas e mães genéticas de 27 meninos e 23 meninas. A maior parte das adoções (80,6%) ocorreu quando a criança tinha menos de 2 anos de idade e 86,1% das mães adotivas disseram ter recorrido à justiça para adotar.

Houve diferença estatisticamente significativa na idade das crianças ($Z=-2,920$, $p=,004$) e das mães ($Z=-2,88$; $p=0,004$) nos dois grupos, sendo as crianças adotivas mais novas em média (4 anos) que as crianças genéticas (6 anos) e as mães adotivas mais velhas (41 anos) que as genéticas (34,9 anos). As famílias diferiram significativamente quanto à renda familiar ($\chi^2_{(5)}=14,061$; $p=0,015$), sendo que as famílias adotivas localizaram-se, em média, nas faixas de renda mais altas.

Mães adotivas e genéticas: HSE e insegurança

Das duas categorias de insegurança mensuradas houve diferença estatisticamente significativa entre as mães adotivas e genéticas apenas na categoria de “insegurança diante do filho” ($p=0,016$; $Z=-2,403$), com maior escore médio para mães de filhos adotivos. No entanto, tanto mães adotivas ($Z=-2,57$, $p<0,02$) como biológicas ($Z=-3,52$, $p<0,001$) apresentaram maior “insegurança diante dos outros” do que “insegurança diante dos filhos” (Figura 1).

Não houve diferença significativa entre as mães adotivas e genéticas no desempenho nas 5 categorias de HSE (Figura 2). Portanto, foram analisadas as diferenças entre as habilidades para todas as mães em conjunto.

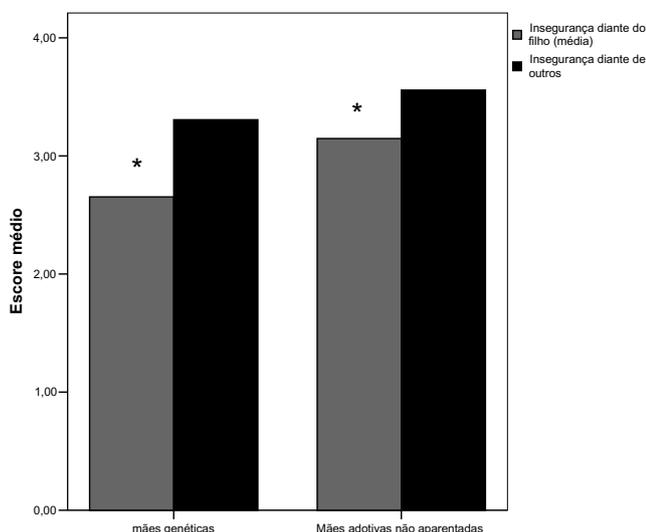


Figura 1 – Escores médios de mães adotivas e genéticas nas categorias de insegurança diante dos filhos e insegurança diante dos outros. Os asteriscos indicam diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre os valores (ver texto).

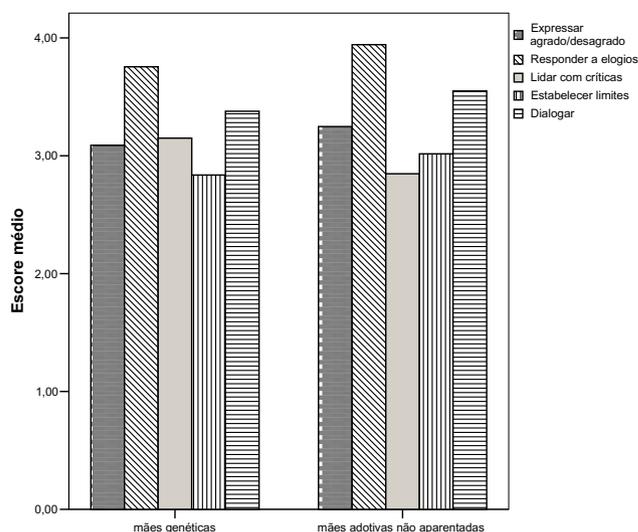


Figura 2 – Escores médios de mães adotivas e genéticas nas categorias de HSE mensuradas.

Categorias de HSE

As mães adotivas e genéticas, em conjunto, relataram ter diferentes graus de desempenho nas HSE ($\chi^2_{(4)} = 124,686$, $p < 0,001$) (Figura 2). O escore mais alto foi na HSE “responder a elogio” seguido pelo escore na HSE “dialogar”. “Responder a elogios” diferenciou-se significativamente de todos os outros escores enquanto “dialogar” não se diferenciou apenas de “expressar agrado/desagrado” (Tabela 1). As mães mostraram desempenho intermediário nas HSE de “expressar agrado/desagrado” e “lidar com críticas”, que não apresentaram diferença significativa entre si. O menor desempenho foi na HSE de “estabelecer limites”, que, no entanto, não se diferenciou significativamente do desempenho em “lidar com críticas”.

HSE, Insegurança e apoio percebido

A quantidade de cuidado oferecido pelo pai correlacionou-se positivamente com a habilidade da mãe de “responder a elogios” ($\chi^2 = 0,217$; $p = 0,044$) e de “dialogar com a criança” ($\chi^2 = 0,219$; $p = 0,041$), ou seja, mães que relatam receber maior apoio dos pais da criança nas tarefas de cuidado apresentam maior habilidade de diálogo e de responder aos elogios dos filhos.

A percepção da mãe de apoio da família extensa materna correlacionou-se positivamente com sua habilidade de “expressar agrado/desagrado” em relação às atitudes dos filhos ($\chi^2 = 0,29$; $p = 0,012$). A percepção de apoio da família extensa paterna e de outros não parentes não se correlacionou com nenhuma das categorias de HSE e de insegurança.

TABELA 1

Resultados da comparação entre os pares de HSE maternas usando-se o teste de Wilcoxon. Os asteriscos indicam diferenças significativas ($p < 0,005$ de acordo com a correção de Bonferroni) entre as HSE.

	<i>Responder a elogios</i>	<i>Lidar com críticas</i>	<i>Estabelecer limites</i>	<i>Dialogar</i>
Expressar agrado/desagrado	Z = -6,450*	Z = -1,544	Z = -4,138*	Z = -2,415
Dialogar	Z = -4,316*	Z = -3,326*	Z = -5,323*	
Estabelecer limites	Z = -6,970*	Z = -1,477		
Lidar com crítica	Z = -5,853*			

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Alguns dos dados sociodemográficos encontrados nesta amostra são concordantes com os relatados em outras pesquisas: renda mensal maior entre as famílias adotivas (Lee e Matarazzo, 2001) e maior porcentagem de adoções de crianças com menos de 2 anos de idade (Weber e Cornélio, 1995; Vargas, 1998).

Ao contrário dos dados de Costa (1988), os resultados obtidos na presente pesquisa apontam maior porcentagem de adoções formais que informais, com 86,1% das mães relatando terem recorrido à justiça enquanto 13,9% adotaram informalmente. Em conjunto, esses dados indicam que a formalização da adoção pode ocorrer principalmente em famílias com renda mais alta, assim como sugerido também por Weber (2003), e estrutura nuclear. Não foi investigada nesta pesquisa a motivação das mães para adoção de crianças mais novas, no entanto, Vargas (1998) atribuiu esta preferência ao temor dos pais adotivos de que crianças mais velhas possam nunca se “recuperar” de possíveis traumas vividos.

Os resultados do presente estudo não revelaram diferenças significativas entre as mães nas categorias de HSE sendo que ambas as mães apresentaram maior desempenho em “responder a elogios” e “dialogar”. Estes resultados vão ao encontro da literatura (Cia et al., 2007) que aponta que a maioria das mães relatou alta frequência de comunicação com os filhos, usando, principalmente as habilidades de manter diálogo e dar carinho ao filho. As mães, nesta amostra, mostraram desempenho intermediário nas HSE de “expressar agrado/desagrado” e “lidar com crítica”. O menor desempenho foi na HSE de “impor limites”.

A ausência de diferenças entre as mães adotivas e genéticas e a diferença significativa entre os desempenhos relatados nas habilidades pode indicar que há, no relacionamento entre mães e filhos, questões com as quais as mães lidam mais facilmente e outras com as quais tem maior dificuldade em lidar.

Impor limites para os filhos e receber críticas dos filhos parecem ser duas questões mais difíceis de serem manejadas por pais. De acordo com Bolsoni-Silva e Marturano (2002), os pais tendem a usar métodos coercitivos/punitivos a fim de impor limites e/ou expressar opiniões, desta forma, retiram reforçadores positivos do ambiente da criança ou agem de forma a produzir reforçadores negativos (Sidman, 1989). Skinner (1970), ao discorrer sobre a punição reconhece seu efeito imediato, contudo, alerta para efeitos como: medo, ansiedade, evitação, não manutenção da baixa frequência do comportamento a longo prazo, entre outros. Além disso, Sidman (1989) alerta para o fato dos pais estarem interagindo mais com os filhos nos

momentos de corrigi-los e/ou criticá-los, ensinando-os a utilizarem o modelo coercitivo para que os outros ajam de forma a realizarem o que desejam.

Bolsoni-Silva (2000) e Bolsoni-Silva et al. (2003) identificaram em seus estudos sobre HSE e treinamento com pais que eles apresentam maior dificuldade em pedir desculpas, auto-observarem-se e discriminarem seu próprio repertório comportamental. Podemos supor que as dificuldades relatadas pelos pais, nos trabalhos supracitados, podem se relacionar às dificuldades em receber críticas dos filhos relatadas pelas mães participantes desta pesquisa. A confirmação desta relação levaria à indicação de que as HSE de pais não podem ser trabalhadas como habilidades independentes. Esta questão pode ser mais profundamente investigada em pesquisas futuras de forma a sugerir programas de intervenção e treinamento das HSE de pais e professores.

Todas as mães relataram maior insegurança diante dos outros que diante dos filhos quanto às atitudes tomadas na educação da criança, no entanto as mães adotivas mostraram maior insegurança diante dos filhos que as mães genéticas. Não encontramos, na literatura, tentativas de mensuração da insegurança materna dificultando qualquer interpretação destes resultados. No entanto, como apontado por Reppold (2001) e Reppold e Hutz (2002), a valorização cultural dos laços de sangue pode contribuir para o receio dos pais adotivos de que seus filhos abandonem os lares em busca de sua família “verdadeira”. Dessa maneira os pais adotivos seriam mais receosos do que pais genéticos ao tomarem uma atitude que contrariasse a vontade do filho, preocupando-se com o julgamento deste. Julgamos que outras pesquisas devem ser realizadas buscando-se confirmar os resultados aqui obtidos e compreender as causas da insegurança materna, principalmente no contexto da adoção.

Algumas HSE maternas se correlacionaram positivamente com o apoio, percebido pelas mães, de parentes e dos pais das crianças. Particularmente, as HSE de “responder a elogios” e “dialogar com a criança” correlacionaram-se ao apoio do pai e, esta última, também se correlacionou ao apoio da família extensa materna.

Estes resultados parecem apontar para um possível papel do apoio social na expressão de habilidades educativas maternas. No entanto, as correlações significativas foram obtidas apenas entre as habilidades nas quais as mães relataram melhor desempenho e o apoio de pessoas próximas da mãe – parentes maternos e pai da criança. As habilidades nas quais as mães relataram menor desempenho não parecem ter sofrido a influência da percepção materna de apoio social. Estes resultados podem indicar um papel restrito do

apoio social familiar na expressão de habilidades maternas. A restrição pode se dar em relação ao tipo de habilidade, havendo influência do apoio social apenas nas habilidades para as quais as mães já apresentam melhor desempenho. Ou a restrição pode ser quanto à força da influência do apoio social na expressão das habilidades, sendo esta uma influência fraca.

Alguns autores apontam para a importância da infância na formação das HS (Cabalo, 2003) e de uma relação entre as HSE de pais e as HSE das crianças (Bolsoni-Silva, 2000; Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P., 2005; Bolsoni-Silva et al., 2006). A hipótese de que as HSE maternas, sejam elas de mães adotivas ou biológicas, dependem pouco do apoio social percebido pelas mães poderia encontrar suporte na demonstração de que as HSE vêm se estabelecendo ao longo da história de vida das mães com um papel, possivelmente, preponderante dos estímulos sociais presentes na infância.

As relações entre o apoio social e a expressão das habilidades maternas foram apenas apontadas neste trabalho. A natureza e a força destas relações devem ser investigadas de forma a esclarecer possíveis relações causais entre estes fatores.

REFERÊNCIAS

- Bird, G. W., Peterson, R., & Miller, S. H. (2002). Factors associated with distress among support-seeking adoptive parents. *Family Relations, 51*, 3, 215-220.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2000). *Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? *Revista Argumento, 3*, 7, 71-86.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia, 7*, 2, 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A., & Oishi, J. (2003). Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. *Revista Argumento, 9*, 11-29.
- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., Pereira, V. A., & Manfrinato, J. W. S. (2006). Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras. *Psicologia Reflexão e Crítica, 19*, 3, 460-469.
- Caballo, V. E. (1995). Una aportación española a los aspectos moleculares, a la evaluación y al entrenamiento de las habilidades sociales. *Revista Mexicana de Psicología, 12*, 2, 121-131.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Campos, N. M. V., & Costa, L. F. (2004). A subjetividade presente no estudo psicossocial da adoção. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*, 1, 95-104.
- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em Estudo, 11*, 73-81.
- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais das mães e envolvimento com os filhos: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia, 24*, 1, 3-11.
- Costa, M. C. S. (1988). *Os "filhos do coração" – adoção em camadas médias brasileiras*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Costa, L. F., & Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e pesquisa, 19*, 3, 221-230.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Dessen, M. A., & Szelbrackowski, A. C. (2004). Crianças com problemas de comportamento exteriorizado e a dinâmica familiar. *Interação em Psicologia, 8*, 2, 171-180.
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*, 1, 73-80.
- Gibson, K. R. (2004). *Relatedness and investment in adoptive households*. Dissertação de Mestrado. University of Nebraska, Nebraska.
- Kindle, P. A., & Erich, S. (2005). Perceptions of social support among heterosexual and homosexual adopters. *Families in Society, 86*, 4, 541-546.
- Lee, F. I., & Matarazzo, E. B. (2001). Prevalence of intrafamilial and extrafamilial adoption in a clinical and non-clinical setting samples of children and adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 23*, 3, 149-155.
- Levy, L., & Féres-Carneiro, T. (2002). Famílias monoparentais femininas: um estudo sobre a motivação de mulheres que adotam. *Interação em Psicologia, 6*, 2, 243-250.
- Mello, I. S. P. B., & Dias, C. M. S. B. (2003). Percepção de homens e mulheres acerca de quem entrega um filho para adoção. *Psicologia: Ciência e Profissão, 23*, 1, 76-83.
- Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia Reflexão e Crítica, 19*, 3, 407-414.
- Rangel, B. T. (2007). *Motivações para adoção: uma perspectiva da psicologia evolucionista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Reppold, C. T. (2001). *Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2002). Adoção: Fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. In C. S. Hutz. *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sidman, M. (1989). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1970). *Ciência e comportamento humano* (2ª ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Vargas, M. M. (1998). *Adoção tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vaughn, S., & Haager, D. (1994). Social competence as a multifaceted construct: how do students with learning disabilities fare? *Learning Disability Quarterly, 17*, 253-267.
- Weber, L. N. D., & Cornélio, S. A. (1995). Famílias adotivas: amores ou dissabores? *Revista de Ciências Humanas, 4*, 119-164.

- Weber, L. N. D. (1996). Famílias adotivas e mitos sobre laços de sangue. *Revista Contato Crp08*, 15, 1-2.
- Weber, L. N.D. (1997). Critérios de seleção de pais adotivos: em discussão. *Interação (Curitiba)*, 1, 123-137.
- Weber, L. N. D. (2003). *Laços de ternura: pesquisas e histórias de adoção*. Curitiba: Juruá.

Recebido em: 15/07/2008. Aceito em: 30/04/2009.

Autoras:

Anna Beatriz Carnielli Howat-Rodrigues – Psicóloga e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6729497033278016>

Rosana Suemi Tokumaru – Professora Doutora, do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4294698135718928>

Thalita Novaes de Amorim – Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo e Graduada em Medicina pela UVV – Centro Universitário Vila Velha. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1373408318641258>

Enviar para correspondência:

Anna Beatriz Carnielli Howat-Rodrigues
Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento
Universidade Federal do Espírito Santo
Av. Fernando Ferrari, s/n. – Goiabeiras
CEP 29060-900, Vitória, ES, Brasil
E-mail: biacarnielli@yahoo.com.br